



Xilogravura de MARGINET

IRMÃ GALÍCIA

Nossa irmã gémea, doce e terna irmã,
amiga do coração,
acólho-me aos teus braços fraternais
como parente, como teu irmão...
O teu solar modesto, claro e calmo
é a mais fácil guarida
para quem busca, longe da própria casa,
algum socêgo para a sua vida...
Nele me esqueço e esqueço aqueles males
que atormentam a gente,
que sem dó nos perseguem,
que nos perseguem desabridamente...

Pobre irmã nossa, em tudo és como nós:
Na tristeza sem par,
lírica e doce,
tecida em noites altas de luar...
Na dura disposição para o trabalho
de cada dia
que é o firme companheiro da tristeza
e muito poucas vezes da alegria...
No saudosismo vago, permanente,
de tudo o que passou
e que não volta mais à nossa vida
porque a vida o levou...
E sobretudo e sempre na pobreza
humilde e resignada
que nos traz sempre as almas em fadiga
e cara fatigada...

Nossa irmã gêmea, doce e terna irmã,
amiga do coração,
acolho-me aos teus braços fraternais,
como parente, como teu irmão...

OLIVEIRA GUERRA

Para o livro a publicar
«MARUXA»

GALIZA

GALIZA

GALIZA

GALIZA

GALIZA

GALIZA



Xilogravura de Marginet

Ó GALIZA E PORTUGAL, VIVEIRO DE TROVADORES

Deitadas na mesma areia,
Ó conchas do litoral,
Com o mesmo corpo de sal
Que nasceu da maré cheia,
Tecidas na mesma teia
De espuma branca de cal,
Rosas do mesmo rosal
E mel da mesma colmeia,
Ó filhos que o mar pranteia,
Ó Galiza e Portugal!

Entre vós dois cristaliza
Um rio manso, e plural,
Frescura de madrigal
Que a terra una improvisa.
Na margem norte, é Galiza,
Na margem sul, Portugal.
A água é prova, é sinal
Que a mesma fonte os baptiza.
O boca ardente, e concisa,
Ó Galiza e Portugal!

No mesmo verde natal,
Duas frautas, dois pastores,
Duas abelhas, e flores
Do mesmo chão musical.
Janelas dum só casal,
Telhado com dois pendores.
Que bem vos ficam as cores
Da vossa rima final:
*Ó Galiza e Portugal,
Viveiro de trovadores!*

ANTÓNIO NORTON

GALIZA TEN UN ARCANXO

Ai, que levians sombras vesperaes andan
boligantes. tornadizas. nos boscos engaioladas
agromando nos camiños gotiñas doces, alfayas
e froles, entre a arelante espeseza da arborada.

Aí, os anxos i-os arcanxos que na noitebra naufraxan,
percurando bois de luz, e capiteles, naos, ancras,
illan de coral, ronseles, melurentas fondas abras,
afitando lonxanías, luas en crecente, espadas
de montes, ceos segredos, lagoas enfeitizadas.

Ai, o arcanxo que na boca da noite agarda,
na boca da noite longa e madurada,
no abismo da mar, fronte das cibdades enloitadas,
no arume do tempo que nos leva e pasa.

Nas covas da noite cans vixían e ladran,
tresvariando no torbo laberinto das estradas.

Non hai misterios nin hai que chore nin lembre nada,
nas vieras do tremoedo, nos corutos da montana,
nos xardíns que enebra a choiva emergullada
duns ceos grisentos de nubens embruzadas.

Ai, que o arcanxo da noite xa marmula e pasa
enfileirando as auroras desdibuxadas,
rómpendo pel-os outeiros o encaxe ledado das azas,
namorando, namoreiro pol-as verdiñas varandas
surdidas e axexantes das mazairas.

Ai, que mariñeiro sin remo e sin barca
o quixer levar pol-a mar salada.
Pol-a mar que brúa nas náguas das praias,
pl-o celta vieiro das outas, nevadas gándaras,
pol-o abril das follas nun mundo d-espranza.

Galiza ten un arcanxo que nos cómaros pervaga,
i-engaiólase na pedra das torres, pol-as mazairas,
nos dolmes e nos cantizos. na albariña frol se engada,
espállase pol-os valos, no toxo enxebre s-abala,
canta leñas de berce e toca armónecas gaitas,
e aluáse nos xardíns e arrólase en canles d-auga,
e rube entre dous loceiros, e asopla as outas fogatas
do San Xoan, bule no vento, nas leñas lendas salnia.

Leva un fol pequeno i-unha leda gaita namorada,
i-un nome nos beizos prendido con bicos, mollado con bágoas,
i-un sol que nos ollos lle luce e le salta,
i-un romance tolo de sonos i-amores, i-unha longa caixa
de músecas celmes, de chagas e doores, de cantigas máxicas.

PURA VÁZQUEZ



Xilogravura de Marginet

CREAÇÃO DO MAR

Alma de artista, creador, o Mar
um dia, inspirado,
entrou de modelar com sábio geito
o barro duro e quente e atrigueirado
talvez posto por Deus à sua frente
para ser modelado;
e ora com firmeza rude e brava,
ora com branda ternura,
o Mar foi modelando
a sua nova escultura...
A pouco e pouco então,
o barro duro e quente e atrigueirado,
foi-se doirando de beleza e graça
e foi tomando a forma fascinante
que uma só vez na vida se realisa:
E um dia, um dia, enfim,
tu surgiste, Galiza...

Mulher e feiticeira
de olhos compridos, carnes matinais,
tu és, terra de Alem,
a tentação das almas siderais,
daquelas almas que andam pelo mundo
de olhar perdido, vago, proeurando
a Pátria feminina do seu sonho
e com ela sonhando...
Mulher e feiticeira de alma céltica,
dada a mistérios e encantos
das mais longínquas eras e depois
rendida cristãmente à voz dos santos,
tu és a terra bendita
de que a minh'alma, tua irmã, precisa,
tu és, terra de sonho,
Pátria da minha Pátria, a Galiza...

Porto, Abril, 60

OLIVEIRA GUERRA

(Para o livro a publicar «MARUXA»)

GALIZA

GALIZA

GALIZA

GALIZA

GALIZA

GALIZA



GALIZA

A D. JOSÉ DIAZ CASTROVERDE

Senhora e Camponesa,
eu beijo a tua mão fidalga e pobre...
A fidalguia tem-l'a no espírito
e a pobreza no traje que te cobre...

Senhora e Camponesa,
cavando a terra de dia
e à noite dizendo versos
da triste Rosalía...

Senhora e Camponesa,
nos campos dia a dia mourejando
e nas orlas das rias penumbrosas
à tardinha sonhando...

Senhora e Camponesa,
ganhando um pão mal pago
e à luz da lua branca vagueando
nas ruas de S. Tiago...

Senhora, Senhora minha,
rende-me a ti,
que outra mais bela e nobre e humilde e casta
eu nunca vi...

Eu sou o enamorado cavaleiro
por quem passou a Vida indesejada
e que chegando ao termo te encontrou,
doce visão encantada,
e encantado ficou...
Eu sou o cavaleiro enamorado
que não pode viver uma outra Vida
além da que viveu sem ter parado,
porque se outra vivesse, eu, por quem sou,
eu juro: a viveria para ti,
porque mais bela e nobre e humilde e casta,
Senhora, eu nunca vi...

16.2.958

Oliveira Guerra

POEMA CATALÁ

A

GALÍCIA i PORTUGAL

Sota el cel ponent d'Ibèria
dos pobles s'agermanan,
les ones de la mar brava
que del Atlàntic avancen
a besar sos peus de fades,
amb igual esforç mogudes
cantan un sol himne d'amor

Oh terra de tots estimada
breçol dels nostres fills,
d'enamorats la llar preuada,
tu vius rient dels perills

Per un voler de Deu nasqueran
de gaies flors ornades
i en dolça Primavera, eran,
pels somnis encisades

¡senyor dels afligits!...
i amb les mans plegades
quan ronca la mar brava
resan mosses e casades

Passada la tempesta
les gaites amb sos crits
de rigorosa festa
pels sants de la contrada

Vesteix mantell d'esmeralda
Natura, bo i generosa,
deixa ses entranyes remoure
i amb fecunditat donar-se
sempre rienta, sempre alegre,
a quants s'agermanan
sota el cel ponent d'Ibèria

Casals Marginet



GALIZA

A beleza aumenta de encontro a esta ria:
É a Galiza desfeita em mar.
E não haver ainda a voz de Rosalía
Para a cantar.

Galiza é o continuar
De tudo aquilo que é mais meu.
É que um rio não pode separar
Dois corações que num só amanheceu.

António Lousada

GALICIA

Eres camiño de Dïoses
Eres beleza sin par...
Esas terras de delicia
Esas rias que son mar...
Desde Tunez ho! Galicia,
Te dedico este cantar...

.....

Eres el verde y amarillo
Del trigal y del pinar
Eres el Azul del Mar
Que en el refleja su brillo
En las noches de lunar...

Eres camiño de Dïoses
Eres beleza sin par...

.....

José Gonzalez López

GALIZA

GALIZA

GALIZA GALIZA

GALIZA

GALIZA

LUAR EM SANTIAGO

...Anda o luar rondando as arcarias,
pára aqui... pára além...
absorto, distante e branco,
poeta e sonhador como ninguém...
Põe os olhos nos beirais
e deixa-os escorrer pelas fachadas,
com a sua luz toda transparente
dá largas pinceladas...
Passam os vultos na sombra, onde não chega
a esteira de luar,
vultos dormindo que parecem ter
medo de acordar...
Não falam, não gesticulam,
são sombras do Passado, diluídas,
relembrando, sonhando
passadas vidas...

...Anda o luar rondando as arcarias,
pára aqui... pára além...
absorto, distante e branco,
poeta e sonhador como ninguém...

Descaem de quando em quando badaladas
dos cimos da Catedral,
doridas, lentas, sonoras,
com ressonância abismal...
com essa ressonância que os sons tem
no vazio dos claustros sonolentos,
desertos e mergulhados
em esquecimento...
com essa ressonância estranha e triste
das ruas medievais e tortas
nas horas do silêncio recolhido,
nas horas mortas...

...Anda o luar rondando as arcarias,
pára aqui... pára além...
absorto, distante e branco,
poeta e sonhador como ninguém...

Ergueram-se dos túmulos os vultos
dos senhores feudais,
de condes e de bispos e de monjes,
de trovadores e jograis...
Ergueram-se dos túmulos os vultos
de espadachins e estudantes,
de sábios e de santos e doutores
e burgueses traficantes...
E passam invisíveis e ninguém
os vê passar,
de capa ou de burel, de espada à cinta
a arrastar...

...Anda o luar rondando as arcarias,
pára aqui... pára além...
absorto, distante e branco,
poeta e sonhador como ninguém...

Vindos de longe, à luz da Via-Láctea,
pelo Caminho Francês,
por todos os caminhos que há no mundo,
por todos os caminhos que Deus fez,
os peregrinos passam
em multidões imensas, infinitas...
E peregrinos foram reis e príncipes
e cavaleiros, bispos, heremitas,
homens e mulheres
de todas as condições
que dobaram as teias da amargura
em volta dos corações...

...Anda o luar rondando as arcarias,
pára aqui... pára além...
absorto, distante e branco,
poeta e sonhador como ninguém...

Mestre Mateo na pedra sonha e canta
o seu poema esculpido
de rimas altissonantes e num ritmo
nunca dantes sentido...
E nas estrofes conta-nos a história
da sua religião,
da que foi feita para os desgraçados
que pedem perdão...
E sonha no Obradoiro, calmo e doce,
Mestre Mateo,
o sonho do poeta e dramaturgo
que na pedra escreveu...

...Anda o luar rondando as arcarias,
pára aqui... pára além...
absorto, distante e branco,
poeta e sonhador como ninguém...

OLIVEIRA GUERRA

